

23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

CONGRESSO INTERNACIONAL IDEA 2026

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



O QUE É A “FILOSOFIA IDEALISTA” DESCRITA POR GEORGE SAKELLARIOU?

Gustavo A. Alvarez; gu.dec.so@gmail.com; PUC-Campinas

Modalidade: Artigo

Área Temática: Formação Inicial e Continuada de Professores

Resumo:

George Sakellariou foi professor emérito da Universidade de Atenas, diretor do Centro Psicológico de Atenas, presidente da Associação Helênica de Psicologia e da Organização para Rearmamento Moral da Juventude. Publicou, em 1960, sua obra *A New Method of Character Training* ou, em português, *Um novo Método de Treinamento de Caráter*, na qual expõe, sucintamente, suas ideias pedagógicas e o resultado — obtido e esperado a longo prazo — de suas aplicações. Subjacente ao método, Sakellariou indica uma “Filosofia Idealista”. O objetivo deste artigo é, por meio de metodologia bibliográfica qualitativa, investigar o conteúdo dessa filosofia e como, por sua vez, ela se liga a uma forma muito específica de Pitagorismo do Século XX.

Palavras-chave:

Filosofia da Educação; George Sakellariou; Métodos Educacionais; Pedagogia no século XX; Pitagorismo.

Introdução

A formação docente não é concebível em um vácuo de total descontextualização; isto é, toda proposta pedagógica, até as mais pretensamente práticas e pouco filosóficas, exige, do formando, algum grau de aderência a um conjunto de ideias das quais, por vezes, este sequer tem consciência de sua adesão.

Há, todavia, no que se poderia intitular, provisoriamente, de “polo oposto”, as correntes pedagógicas que, em contraste, são deliberadamente filosóficas, como se reivindicassem, metaforicamente, a herança de uma tradição intelectual maior do que elas próprias.



O presente artigo insere-se, justamente, como observador de uma corrente desse segundo espectro. Expresso de outra forma: a exposição descritiva de uma forma de pensamento filosófico cujos desdobramentos são de grande impacto para a educação.

Trata-se, mais especificamente, de um estudo a respeito da obra de George Sakellariou, publicada em 1960, intitulada “*A New Method of Character Training*” ou, em português, “Um novo Método de Treinamento de Caráter”.

A delimitação desta proposta, circunscrita ao propósito de expor o sentido pretendido pelo termo “Filosofia Idealista”, empregado pelo autor (1960, p. 18), obriga, então, à advertência de que o estudo não visa ser exaustivo quanto à totalidade do livro de Sakellariou, mas somente quanto à importância desse pensamento para suas concepções pedagógicas.

Esta tarefa não é totalmente arbitrária; contudo, devido ao esquecimento do autor nos cânones da Pedagogia do Século XX, sua importância precisa ser reiterada: George Sakellariou foi professor emérito da Universidade de Atenas, diretor do Centro Psicológico de Atenas, presidente da Associação Helênica de Psicologia e da Organização para Rearmamento Moral da Juventude. O livro ao qual o artigo se circunscreve relata (*ibid.*, p. 59–62) que seu método foi muito elogiado por educadores da Espanha, do Canadá, da Índia, da Coreia do Sul, dos EUA e da Bélgica e, em solo nacional, foi positivamente mencionado na revista A Lâmpada (Ano XXV e XXVI — nº 89 e 90, 1955–1956).

Nesse sentido, conquanto seu impacto tenha diminuído, seria errôneo afirmar que foi inexistente; e, sendo assim, o resgate de seu contexto e pressupostos pode contribuir, filosoficamente, com propostas pedagógicas, sobretudo com aquelas otimistas em relação ao potencial da Educação Clássica. Consequentemente, para os docentes adeptos dessa vertente, há potencial de contribuição reflexiva à formação.

Ademais, em razão deste objetivo, a metodologia empregada é bibliográfica qualitativa, de modo a interpretar e tornar coesos, entre si, textos diversos que convergem para a temática.

Adverte-se, por fim, que a exposição e o esclarecimento da dúvida *motriz* à escrita do artigo não equivalem, necessariamente, à total adesão ao que se expressará, pois, como exigido pelo próprio objeto de estudo, a descrição supera as considerações pessoais.

Breve introdução ao Método de Sakellariou

Como previamente descrito, o objeto do estudo é, antes, a filosofia subjacente ao método do que este *per se*.

Entretanto, o objetivo fadaria à malogração se, para tal, se omitisse a totalidade do método em razão de seus fundamentos, pois, cognitivamente, essa decisão tornaria o objeto amputado do restante de seu corpo.

Sakellariou (1960, p. 17) posiciona-se como um combatente do materialismo e, à medida que isso o insere em uma tradição filosófico-pedagógica, cria-se, simultaneamente, uma teleologia para sua proposta de educação; em última instância, a finalidade é, conforme relata (*ibid.*), tornar os abstracionismos éticos em virtudes concretas na vida dos estudantes.



Sua pedagogia gravita em torno da formação *aretética* da personalidade; vale dizer, as virtudes constituem, nesse modelo pedagógico, os blocos com que, em permanente articulação e integração, se edifica o caráter do indivíduo.

Ocorre, segundo o autor (*ibid*), uma supressão da *autognosia* (autoconhecimento) pela *heterognosia* (conhecimento do mundo exterior), de modo desequilibrado, na educação moderna; e, dessa forma, esta não é capaz de conduzir o homem à felicidade, pois não o ensina a desenvolver sua vida interior, tampouco o treinamento da consciência ética. Em contraste, promove o exercício contínuo da melhoria das faculdades mentais menos elevadas: a aquisição de meios para deliberar sobre aspectos materiais da realidade. Leia-se, com isto, que tais faculdades não carecem de valor, conquanto não deveriam definir o fim último da educação.

Estes dois termos gregos, que descrevem maneiras, a princípio complementares de conhecimento, referem-se, de um lado, ao olhar voltado para dentro de si mesmo, isto é, ao esforço de compreender a própria consciência, os próprios valores e a própria conduta, e, de outro, ao conhecimento do que está fora de nós, como o mundo material, os fatos, os objetos e os problemas práticos da vida.

Segundo Sakellariou, a educação moderna rompeu o equilíbrio entre essas duas dimensões ao privilegiar quase exclusivamente o conhecimento exterior. O problema, portanto, não está em valorizar o conhecimento do mundo, que é legítimo e necessário, mas em transformá-lo no objetivo supremo da educação, como se formar tecnicamente ou raciocinar sobre coisas externas bastasse, por si só, para conduzir o homem à felicidade e ao aperfeiçoamento de sua personalidade.

O contorno proposto estabelece doze pontos centrais sobre os quais a escola deveria agir para a formação do caráter; são estes (*ibid*, p.29-30, tradução nossa, adaptado):

PRINCÍPIOS	DEFINIÇÕES
Vida Religiosa	Oração; frequência regular à Igreja; devoção; evitar falar ou movimentar-se em vão na Igreja; recepção da Sagrada Comunhão; amor ao próximo; manutenção de boas relações com os amigos e perdão aos inimigos, buscando torná-los amigos. Note-se que, à época da escrita do livro, a religião oficial do Reino da Grécia, sob o governo de Paulo I (1947–1964), bem como a religião do próprio Sakellariou, era o Cristianismo Ortodoxo. Em países laicos, a virtude filantrópica seria, segundo o autor, a alternativa mais similar.
Temperança	Ser moderado no consumo de alimentos e bebidas; nos demais prazeres carnavais; na expressão da raiva

CONGRESSO INTERNACIONAL IDEA 2026

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



	e nas falas.
Limpeza	Manter o corpo limpo; escovar os dentes; manter as roupas, os sapatos, os materiais escolares <i>etc.</i> limpos.
Boa Conduta	Ser educado ao falar e no agir para com os outros. Respeitar Deus, seus pais, a si mesmo, os mais velhos e os mais novos; ou seja, respeitar o outro, não importa quem seja.
Coragem	Demonstrar bravura ao enfrentar perigos; agir com rapidez para proteger-se de ataques.
Contribuição ao Bem Comum	Contribuir para o progresso de sua família, de sua comunidade, do país <i>etc.</i>
Respeito à Lei	Obedecer aos professores, aos pais e aos regulamentos escolar, policial e estatal.
Diligência	Realizar suas tarefas com boa vontade; acordar cedo e evitar dormir tarde; dedicar-se com devoção aos estudos e aos demais deveres.
Sinceridade	Adquirir o hábito de dizer a verdade sem hesitação, mesmo em situações nas quais a mentira poderia trazer benefício próprio.
Cooperatividade	Não se opor aos demais por egoísmo; ao contrário, procurar sempre ajudar o próximo em favor do bem comum — que é também o bem particular — e, assim, alegrar-se com o sucesso dos outros.
Ordem e Pontualidade	Manter a ordem, organizando os próprios pertences de modo a cumprir a promessa de chegar a determinado local no horário combinado.
Justiça	Dar ao outro aquilo que lhe é devido; ser justo com todos.



Sobre cada uma das virtudes acima destacadas, deveriam ser ministradas constantes aulas, de 10 a 15 minutos cada; posteriormente, deveriam ser feitos autoexames morais por parte do aluno (*ibid*, p. 31) e, em seguida, avaliações nas quais seu desempenho moral seria julgado com uma nota de 0 a 10, baseando-se na opinião do próprio aluno, de seus pais (ou família) e do professor (*ibid*, p. 64–65).

Reside, implicitamente, nessa proposta a ideia de que o professor não pode limitar-se à condição de mero transmissor de *heterognosia*, mas deve ser, antes, alguém exercitado em suas próprias virtudes, apto a orientar moralmente o aluno não só pela instrução, mas também pelo exemplo. Do mesmo modo, o método pressupõe intensa colaboração entre escola, família e estudante, já que a formação do caráter, tal como concebida por Sakellariou, não poderia ser produzida exclusivamente no espaço escolar, nem reduzida a um conteúdo formal de aula. Ao contrário, ela requer continuidade entre os ambientes de formação, convergência de critérios avaliativos e participação ativa de todos os envolvidos no acompanhamento da vida moral do educando. Note-se que o método pressupõe intensa participação familiar na educação e, ademais, a sinceridade de todas as partes envolvidas

O sustento dessa honestidade, para o autor, fundamenta-se nos *Versos Áureos dos Pitagóricos*; em especial, nos versos 40–46. Citam-se:

40 Nem dê entrada ao sono em teus lânguidos e cansados olhos, 41 senão depois de examinares a consciência, percorrendo por cada uma das ações daquele dia. 42 Em que matéria transgredi? E que fiz eu? Que obrigação indispensável deixou de ser por mim cumprida? 43 E, começando desde a primeira, continua com o exame até a última de tuas ações; e depois, no caso de que tenhas obrado mal, repreende-te; 44 e, se bem, regozija-te. 45 Nestas coisas trabalha, nestas coisas medita; nestas convém que empregues o teu amor. 46 Todas elas te sublimarão a dirigir teus passos pelos vestígios da virtude divina (Χρυσᾶ Ἔπη, 40–46 *apud* Altmüller, 2023, p. 223).

À luz do indicado por Thom (1995), o poema, cuja datação probabilística remonta ao século IV a.C., composto por setenta e um hexâmetros dactílicos — ou seja, métrica poética caracterizada por versos formados por seis pés métricos, nos quais cada um consiste, tipicamente, de uma sílaba longa seguida de duas breves, conferindo musicalidade—, é estruturado de tal modo a oferecer recompensas e suas condições; em suma: *faça isto para obter aquilo*. Em linhas gerais, trata-se da aquisição das virtudes enquanto hábito, como condição *sine qua non* para a obtenção da forma superior de educação.

Para Sakellariou, Pitágoras de Samos é o exemplo por excelência do professor virtuoso e, por isso, os Versos Áureos atribuídos a seus discípulos contêm fundamentos incontornáveis para a educação das virtudes.

Este é o eixo sobre o qual se trasladará, aqui, rumo à próxima seção deste artigo: o Pitagorismo como fundamento pedagógico.

A Filosofia Idealista



O segundo capítulo do livro principal intitula-se “*Idealistic Philosophy of Life and the Ways of Its Realization*” ou, em português, “Filosofia Idealista da Vida e os Caminhos de sua Realização”.

Afirma, sem hesitar, o autor (1960, p. 19) que apenas uma educação que treine a virtude e o caráter pode enfrentar e lidar com os fenômenos patológicos de nossa sociedade — estes, por sua vez, podem ser descritos como advindos da busca excessiva por bens materiais e riquezas como formas de prazer no mundo pós-guerra, de tal modo que, como que em um ciclo vicioso, tal busca sempre aumenta; isto é, a busca pelo prazer torna-se incessante e incansável (*ibid*, p. 18). Essa concepção crítica é o que viabiliza a compreensão de idealismo para o autor.

Frente a tal descrição, é patente o distanciamento da acepção pretendida por Sakellariou para o termo “idealismo” em relação aos principais cânones da história da filosofia, legando-os àqueles autores cujo labor intelectual reside, sobretudo, na discussão e averiguação do pensamento enquanto fundamento do real; isto é, como afirma Abbagnano (p. 607, adaptado), à esteira de Wolff, “denomina-se idealista quem admite que os corpos têm somente existência em nosso espírito, negando assim a existência real dos próprios corpos e do mundo”. Utiliza-o não como uma negação do realismo filosófico, senão como um *telos*, isto é, uma finalidade guia.

Idealismo, aqui, não tem o sentido técnico que o termo assumiu sobretudo entre os séculos XVIII e XIX na filosofia alemã e, por consequência, também em parte importante da tradição filosófica posterior. Em Sakellariou, a palavra não serve para dizer que o mundo exterior depende da mente ou que a realidade material seja irreal; ela é usada, antes, em sentido mais simples e prático, para indicar um ideal a ser perseguido.

Uma vez sanada essa equivocidade terminológica, torna-se academicamente prudente afirmar que, para Sakellariou, esse grande ideal encontra-se na filosofia grega, especialmente na tradição pitagórico-platônica. Afirma que seu método fará com que “o sonho de Pitágoras e Platão, de que a finalidade da educação seja o treinamento do caráter, seja realizado” (Sakellariou, 1960, p. 8, tradução nossa, adaptado).

Acrescenta-se a seguinte advertência: o autor contextualiza-se no mundo pós-Segunda Guerra.

O otimismo em relação à filosofia grega não era particularidade deste autor; exemplo notório é de Jaeger (1942, p. 7, tradução nossa), que, em sua famosa obra *Paideia*, expõe que a “acrópole do Espírito Grego se ergue como um símbolo de fé sobre o vale de morte e destruição que, pela segunda vez, na mesma geração, atravessa a humanidade doente”. Noutros termos: o diagnóstico da doença que atormentava a humanidade e, simultaneamente, o pensamento grego como remédio para tal não era tão incomum, tampouco uma excentricidade, pois as bases do pensamento dos principais causadores da guerra não poderiam, para ambos, ser mais distantes desse espírito.

O cenário no qual está inserido Sakellariou, portanto, é caótico; intensas transformações e mudanças sociais explicam, em certo sentido, o fato de ele não fornecer uma definição tradicional do que pretende dizer com ‘idealismo’, limitando-se a caracterizá-lo ora de modo relacional-oposicional, como ‘um contrapeso ao materialismo’ (Sakellariou,



1960, p. 19, tradução nossa), ora de modo descritivo, como a motivação subjacente à busca pelas virtudes e pelos ensinamentos (*mathemata*) pitagóricos (*ibid*, p. 20).

Cumprir advertir, uma vez mais, que, embora o idealismo assuma aqui um sentido mais simples e prático, nem por isso deixa de ser filosoficamente denso e historicamente situado. Nesta esfera, acrescenta-se, como fator determinante para a apresentação do conteúdo desse idealismo, um congresso de particular importância: o Congresso Mundial de Organizações Pitagóricas (WCPO), de 1955.

Registrados nos anais, cuja edição e publicação foram coordenadas por Sakellariou (1957), os trabalhos do congresso, encabeçado pelo filósofo norte-americano Hobart Huson, deveriam promover a união e a coordenação dos esforços de todas as organizações pitagóricas para a regeneração moral da humanidade através da educação. Esse ideal regenerativo, por sua vez, cristalizou-se na obra de Huson (1947) como um dos objetivos centrais do Pitagorismo.

Jacques Payen, em certo sentido um crítico, (1959, p. 370) observa que a postura geral do WCPO em seus congressos não era estritamente científica, pois as palestras não se restringiam à apresentação de pesquisas, mas buscavam restaurar a sabedoria ético-religiosa do Pitagorismo. Segundo o autor, muitos dos palestrantes partiam da convicção de que a sociedade contemporânea, centrada no conforto material, não é superior à antiga sociedade grega — ao menos não no que diz respeito à prosperidade espiritual ou moral.

O autor, ademais, identifica uma crítica ao “*fetichismo*” em relação às fontes, representado, sobretudo, pela crítica à obra de Eduard Zeller — filósofo e historiador da filosofia alemão. Para os acadêmicos do WCPO, a pesquisa sobre o Pitagorismo não deveria se restringir a esforços filológicos e comparativos, sobretudo se, assim como ocorre em Zeller (Cornelli, 2014, p. 33), isso implicar a impossibilidade de conferir legitimidade aos relatos e às elaborações da Antiguidade Tardia.

Evidencia-se, nestes termos, a supressão dos critérios filológicos modernos — que, às vezes, parecem definir o próprio discurso do que se entende por rigor acadêmico — pelo critério de coerência interna; isto é, ao assumir uma posição probabilística quanto à leitura da tradição pitagórica — nomeadamente, a de sua intersecção enquanto Filosofia Moral, Metafísica e Filosofia da Educação (Huson, 1966) —, buscam-se as suas consequências. Isso não é metodologicamente pouco criterioso, pois, como posteriormente perceberam Navia (1991) e Huffman (2014), existem múltiplos pitagorismos, no plural, tanto na Antiguidade quanto na Contemporaneidade, em decorrência do compromisso e do privilégio dados a uma ou outra fonte e leitura possível.

Quando se estudam os filósofos pré-socráticos — especialmente os pitagóricos —, o que se pode alcançar não são interpretações absolutamente certas e definitivas, mas leituras verossímeis e probabilísticas, construídas a partir de fontes fragmentárias, testemunhos indiretos e tradições posteriores muitas vezes divergentes. Por isso, a ideia de interpretações incontestáveis torna-se academicamente imprudente. Isso não significa, evidentemente, que toda leitura valha o mesmo ou que não haja interpretações mais plausíveis, mais consistentes e mais bem fundamentadas do que outras. Significa apenas que, do ponto de vista epistemológico, não parece haver razão suficiente para o abandono total, completo e inequívoco de leituras menos fundadas nos critérios modernos de objetividade, já que o



próprio campo de estudo impõe, por sua natureza, certo grau de probabilidade e, portanto, liberdade interpretativa. É nesse espaço interpretativo — rejeitado por muitos, mas defendido por tantos outros acadêmicos — que se situam Sakellariou e o grupo de que fez parte: o WCPO.

Sucintamente, é possível definir Hobart Huson como, dentre todos presentes no evento, o intérprete central para os pesquisadores do congresso, não apenas por tê-lo idealizado, mas também em razão do número de vezes em que é citado ao longo dos anais de 1957.

Neste congresso, Sakellariou proferiu a palestra intitulada “*The Pythagorean Educational System and its Perennial Value*” ou, em português, “O Sistema Educacional Pitagórico e o seu Valor Perene”. Entende-se, nesse sentido, esta palestra, à data da publicação de seu método pedagógico, como a expressão mais robusta de sua Filosofia Idealista.

À esteira de Hobart Huson (1947), Sakellariou (1957, p. 36, tradução nossa, adaptado) afirma que “a missão da vida terrestre de Pitágoras era promover a regeneração moral da humanidade através da educação”. Esta é definível, por sua vez, como o conjunto de meios pelos quais o homem pode elevar-se à contemplação da harmonia, da beleza do universo e de Deus (*ibid*). Essa concepção, reconhece o autor, necessita de uma antropologia: o homem é sua personalidade.

Quando dizemos algo do homem, referimo-nos a algo diferente de seu corpo ou fenótipo. Referimo-nos à sua personalidade, isto é, à somatória de suas potências ou qualidades psíquicas; referimo-nos a esses fatores de sua alma. O homem, então, é sua própria alma (a qual, de acordo com Pitágoras, é constituída de cinco níveis: não consciente, inconsciente, subconsciente, consciente e supraconsciente). A alma humana possui duas partes distintas: a raciocinativa e o *Nous*, o *Logos* (a efetivamente racional), isto é, a mente intelectual, considerada a parte divinamente superior da alma humana (*ibid*, p. 36, tradução nossa, adaptado).

Esta maneira psicologicamente inusual de explicar a alma humana, ao menos as suas partes inteligentes, deve-se à hierarquização idealista de Sakellariou, que as explica em graus de perfectibilidade, nos seguintes termos: a raciocinativa é a parte através da qual se julgam proposições referentes ao mundo exterior — a supramencionada *heterognosia* —, enquanto o *Nous/Logos*, termos usados intercambiavelmente pelo autor, permitiria a percepção das realidades superiores; o olho que pode, em linguagem metafórica e figurada, ver Deus.

O impacto pedagógico desta filosofia repousa no valor dado às disciplinas: se, hierarquicamente, o raciocinativo é inferior ao *Nous*, então a educação deveria, visando à formação do homem, priorizar seu aspecto mais elevado — o qual, para o autor, é realizável mediante exercícios de formação do que ele chama de caráter.

Nesse sentido, compreende-se por que o autor atribui centralidade ao que intitula *mathemata* pitagóricos (*ibid*, p. 37): não são disciplinas no sentido moderno, isto é, compartimentos autônomos de instrução — por vezes denominados componentes curriculares —, mas exercícios propedêuticos de purificação da alma, ordenação da vida interior e ascensão gradual do homem à sua parte superior. O silêncio, o exame de si, a temperança, o cultivo da memória, o método-ordem, a amizade, o jejum, a dietética, a



higiene e a fortaleza aparecem, pois, menos como práticas acessórias do que como mediações necessárias entre a condição ordinária da personalidade e sua possível elevação à contemplação das realidades suprassensíveis (*ibid*, p. 38–39); são técnicas de formação do caráter pelas quais as paixões se submetem à forma mais elevada de razão, e a vida humana aprende a espelhar, na terra, a harmonia do cosmos.

Resulta disso que, nos termos internos a essa pedagogia, educar não é preencher a alma com uma massa de conteúdos desconexos, mas conduzi-la, por etapas hierárquicas, à *autognosia*; isto é, ao conhecimento de si e à aquisição de uma forma de vida em que a virtude deixa de ser mero discurso abstrato para tornar-se hábito, natureza e princípio de ordenação da existência.

Conclusão

Encerra-se, pois, uma descrição do significado de idealismo pretendido por Sakellariou — uma forma de pitagorismo, muito influenciada por autores do século XX a ele contemporâneos, que concebiam nessa tradição intelectual uma intersecção entre Filosofia Moral, Metafísica (Teologia) e Educação, atribuindo ao próprio Pitágoras o objetivo de regenerar a moral da humanidade mediante a educação —, e isso, evidentemente, afasta-o de concepções dicionarísticas do termo, pois translada-se o termo aos mais positivos campos semânticos, pretendendo significar, com isso, um *ideal* a ser cumprido.

Esse otimismo em relação à educação, em especial aos clássicos, contextualiza-o como um educador do período pós-guerra que, ao perceber as bases intelectuais modernas como fatores causais do adoecimento da humanidade, procura, na Antiguidade, um remédio.

Para o docente, essa concepção de educação implica também uma mudança paradigmática, pois nenhum ideal pode ser alcançado se os professores não dispõem dos meios para aplicar o método descrito. Assim, para promover uma educação que privilegie a formação do caráter em relação ao mero acúmulo de conteúdos acadêmicos, torna-se igualmente necessário que o próprio professor se exercite na capacidade de viver e seguir esse ideal.

Não obstante, a relevância contemporânea de Sakellariou não reside, necessariamente, na aceitação irrestrita de todos os pressupostos metafísicos, antropológicos ou religiosos que sustentam sua proposta, mas, antes, na força da questão que ele recoloca ao campo educacional: se a educação deve limitar-se à transmissão de conteúdos úteis à vida exterior ou se, ao contrário, deve também ordenar-se à formação interior do homem. Noutros termos, mesmo quando se rejeitam os fundamentos específicos de sua leitura pitagórica, permanece de pé a interrogação a respeito do fim último da educação e, com ela, a necessidade de examinar se a escola moderna, em seu afã de eficiência, não suprimiu precisamente aquilo que mais decisivamente humaniza.

Deste modo, o estudo de sua chamada “Filosofia Idealista” pode contribuir menos como modelo a ser simplesmente reproduzido do que como ocasião de reabertura de um problema filosófico-pedagógico de primeira grandeza: o da hierarquia dos fins educacionais. Se, para Sakellariou, educar é conduzir a personalidade à *autognosia* e à virtude, então seu



pensamento, ainda que historicamente situado e teoricamente discutível em vários aspectos, conserva valor por constranger a Pedagogia contemporânea a justificar, com maior clareza, que tipo de homem pretende formar.

Bibliografia

A LÂMPADA. Curitiba, PR, ano XXV-XXVI, n. 89-90, out. 1955/mar. 1956.

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

ALTMÜLLER, Gustavo. Noções teológicas nos versos áureos dos pitagóricos. In: CONGRESSO DA ANPTECRE, 9., 2023. Anais do IX Congresso da ANPTECRE: A religião na América Latina e Caribe: conceitos, relações e perspectivas. Disponível em: <https://anptecre.org.br/download/IXcongressoAnptecreAnaisGT.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2026. p. 218-226.

CORNELLI, Gabriele. O pitagorismo como categoria historiográfica. São Paulo: Annablume Clássica, 2011.

HUFFMAN, Carl. A history of Pythagoreanism. Londres: Cambridge University Press, 2014.

HUSON, Hobart. Pythagoras: the Hyperborean Apollo. Refugio: [s.n.], 1966. v. 1 (em 3 v.).

HUSON, Hobart. Pythagoron: the religious, moral and ethical teachings of Pythagoras. Whitefish: Literary Licensing, 2011. Reimpressão de 1947.

JAEGER, Werner. Paideia: los ideales de la cultura griega. México: Fondo de Cultura Económica, 1942. v. 1 (em 3 v.).

NAVIA, Luis. Pythagoras: An Annotated Bibliography. Nova Iorque: Garland Publishing, 1990.

PAYEN, Jacques. V. Capparelli, Il tenore di vita pitagorico ed il problema della omoiosis. Revue d'histoire des sciences et de leurs applications, Paris, t. 12, n. 4, p. 370, 1959. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rhs_0048-7996_1959_num_12_4_3791. Acesso em: 10 mar. 2026.

SAKELLARIOU, George. A new method of character training. Atenas: [s.n.], 1960.

SAKELLARIOU, George. The Pythagorean educational system and its perennial value. In: SAKELLARIOU, George (ed.). Proceedings of the Congress Held in Athens, Samos, and

23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

CONGRESSO INTERNACIONAL **IDEA 2026**

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



Brussels, July-August 1955. Grécia: World Congress of Pythagorean Organizations, 1957. p. 36-42.

THOM, Johan. The Pythagorean Golden Verses: with introduction and commentary. Leiden: Brill, 1995.